

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA

Edi Maria Longo

Boletim Gaúcho de Geografia, 13: 45-48, agos., 1985.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37794/24381>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - agos., 1985

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA GEOGRAFIA AGRÁRIA

Edi Maria Longo*

Este texto representa uma síntese final dos estudos desenvolvidos na disciplina de Geografia Agrária, do Curso de Geografia da Universidade de Passo Fundo, no ano de 1984. Visa-se com esta reflexão contribuir, ainda que modestamente, para as discussões em torno, tanto da Geografia denominada crítica, como de alguns problemas agrários de nosso país.

Os homens habitam um território e relacionam-se com a natureza, dela extraíndo, através de seu trabalho, os elementos necessários à sua sobrevivência. Além de se relacionarem com a natureza, os homens mantêm relações entre si convivem uns com os outros, constituindo um Grupo Social, que possui uma organização.

Com o passar do tempo, esta organização vai se transformando política, econômica e culturalmente, e só poderemos entender estas ações humanas, se tivermos como ponto referencial as condições históricas e a organização social de determinado grupo. Observa-se então, que o espaço geográfico é produzido e organizado como resultado das atividades social sobre a superfície terrestre.

Cada grupo humano apresenta características peculiares na organização de seu espaço, conforme seu grau de capacidade de desenvolvimento, que são estudadas através do processo histórico. Para isso, devemos compreender a terra como um todo, com um conhecimento totalizante, como resultado do trabalho do homem sobre ela, através do tempo. Esse trabalho social é que vai provocar a recriação da natureza, transformando-a de primeira natureza - onde a relação homem X meio é harmônica, e devido ao baixo grau de desenvolvimento das sociedades primitivas, existe uma grande dependência das leis da natureza - em segunda natureza ou seja, as sociedades complexas, através de suas relações de trabalho socializam-na e es

(*) Licenciada em Geografia pela Universidade Passo Fundo, em dezembro de 1984.

te espaço socialmente produzido vai acelerar o processo histórico, pois o espaço geográfico é dinâmico, produzindo história.

Sabe-se que nos primeiros tempos de vida do homem sobre a terra, este era muito dependente das condições oferecidas pela natureza, mas com a descoberta e introdução de técnicas ligadas ao cultivo e pastoreio no campo, permitiu certo grau de independência em relação à natureza. Isto resultou na criação de formas de organizações mais complexas, onde o trabalho do homem passa a ser dividido e o espaço reorganizado (segunda natureza).

Com a decadência do feudalismo na Europa, com a ascensão da burguesia, os homens passam cada vez mais a desenvolver técnicas de produção, dando início a um período histórico conhecido como Revolução Industrial, passando esta a ser a atividade dominante, em torno da qual passaram a gravitar os demais setores da vida econômica.

A agricultura agora vai se transformando graças ao avanço da tecnologia e introdução da mesma no campo. Com este processo de modernização introduz-se e aprofunda-se o capitalismo no campo; forma concreta de produção da segunda natureza, comandada pelo capital variável (homem e força de trabalho) e o capital constante (natureza, matéria prima, tecnologia, etc.).

Atualmente a principal característica da organização do espaço geográfico é a sua subordinação às atividades industriais comandas pelas grandes corporações transnacionais dos países altamente desenvolvidos onde estes grupos econômicos têm sua sede. Esta situação, de uma sociedade estruturada, não em função de seus próprios interesses, mas em função das necessidades dos países que exercem sobre ela a dominação, é o caso brasileiro, onde vemos uma agricultura modernizada conservadora, que utiliza métodos modernos, mas que não alterou sua estrutura agrária, isto é, muitos pequenos minifundiários e poucos grandes latifundiários, sistema este que têm suas raízes no colonialismo. O minifúndio por não absorver toda mão-de-obra nele existente e o latifúndio por ser mal aproveitado, são elementos anti-econômicos.

Observa-se então, que embora as paisagens do campo e das cidades sejam diferentes, ambas acabam por formar uma só realidade, comandada é claro, pelo meio urbano, que é o centro do controle econômico, social e político.

Não podemos deixar de frisar que a mola propulsora do processo de modernização da agricultura mundial, foi um programa chamado "Revolução Verde", que deu seus primeiros passos ainda durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, patrocinado pelo Grupo econômico americano ROCKFELLER, que tinha, à primeira vista o objetivo de contribuir para o aumento da produtividade agrícola, através de experiência genéticas, com sementes. Com isso, os países subdesenvolvidos passaram mais e mais a subordinar-se aos interesses dessas grandes corporações internacionais que não só centralizavam o controle da tecnologia de sementes, mas também, eram os proprietários das indústrias de implementos agrícolas, fertilizantes e dos próprios bancos que financiavam a agricultura.

Dentro da necessidade de se obter lucros, que é a lógica que comanda a agricultura nos países capitalistas, verifica-se que o preço da produção vai ser igual para todas as áreas, mas não o custo da produção. A renda diferencial I é originada das diferentes condições ambientais e de localização, e, a renda diferencial II será originada da aplicação sucessiva de capitais na mesma área que levará a mais produtividade.

A incorporação de capital na agricultura vai proporcionar um aumento de produtividade de trabalho, que vai resultar num desenvolvimento das forças produtivas e numa crescente divisão do trabalho.

A mecanização da agricultura reduz o tempo de trabalho necessário e aumenta o ritmo e intensidade, mas não pode alterar o seu ciclo biológico. As técnicas modernas ainda não conseguiram livrar a agricultura de suas fraquezas básicas, que a tornam tão vulnerável, que são os flagelos climáticos e os flagelos biológicos, mas seus riscos naturais podem ser reduzidos.

O atual modelo agrícola brasileiro, baseado na modernização conservadora, e integrante de todo um sistema econômico, apresenta alguns aspectos comprometedores, onde falta uma política que repense o atual modelo agrícola com seriedade, se preocupando em mudar suas raízes e não somente em acalmar as revoltas momentâneas com promessas, mas que chegue a real conclusão que a solução seria uma Reforma Agrária com base nos princípios de justiça, que possam

dignificar o homem rural, dando-lhe condições de no campo permanecer.

São propostas que devem ser refletidas, estudadas num contexto global e encarada com bastante seriedade, onde ninguém deve ficar alheio, pois são encaminhadas por pessoas de luta, com posicionamento consciente diante de sua realidade, e com aspirações de terem seu pedaço de terra para nela plantar, sem precisar voltarem-se para os métodos de uma agricultura primitiva, mas que tenham como princípio produzir alimentos para saciar a fome e não somente visando-se lucros.

Precisam ser definidas as diretrizes e os possíveis caminhos de solução para esta crise agrária que assola não somente o Brasil, mas muitos outros países, repensados os valores e ter-se como bandeira de luta, a conquista de uma vida mais justa, no espaço que é por todos nós produzido.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS:

BRUM, Argemiro J. Modernização da agricultura no Planalto Gaúcho, Ijuí, Fidene, 1983.

ANDRADE, Manoel C. Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.

GUIMARÃES, Alberto P. A crise Agrária. Paz e Terra.

HEIDRICH, Álvaro. Textos de Geografia Agrária. Mineo.